

A desintegração da mulher negra em Um defeito de cor

The Disintegration of the Black Woman in A Color Defect

Luzia Kely de Souza Silva¹
Olga Beatriz Saraiva Silva²
Linda Maria de Jesus Bertolino³

1 Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas (UEMA). Componente do grupo de pesquisa Configurações da Literatura Contemporânea e Estudos Culturais (UEMA - Campus Bacabal). Bolsista PIBIC/UEMA. Contato: luziaa04a@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9412-4438>.

2 Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas (UEMA). Componente do grupo de pesquisa Configurações da Literatura Contemporânea e Estudos Culturais (UEMA - Campus Bacabal). Bolsista FAPEMA/UEMA. Contato: olgabeatriz927@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-9401-0666>.

3 Profa. Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG/UEMA. Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPG/UEMA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Configurações da Literatura Contemporânea e Estudos Culturais- Uema/Campus Bacabal. Contato: linda1.hot@hotmail.com <https://orcid.org/0000-0003-1655-2769>.

Resumo: A investigação/análise que perfaz a escrita desse artigo realiza-se no romance *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2023), especificamente, no subcapítulo “A posse”. A proposta aponta como objetivo principal verificar o processo de desintegração da mulher negra; cultura colonial escravagista que, desde sempre, concorreu para desmoralizar e desumanizar o corpo feminino preto, por sinal, prática que ainda reverbera na contemporaneidade. Quanto à metodologia, se constitui de instrumentos de pesquisa qualitativa-exploratória e bibliográfica, com mediações socioculturais pensadas a partir dos estudos de Bell hooks (2019), Aníbal Quijano (2005), María Lugones (2007), dentre outros.

Palavras-chave: corpo feminino; raça; colonialidade; desintegração.

Abstract: The investigation/analysis that makes up the writing of this article takes place in the novel *A Color Defect*, by Ana Maria Gonçalves (2023), specifically in the subchapter "*The Possession*". The main objective of the proposal is to verify the process of disintegration of the black woman; a colonial slave culture that has always contributed to demoralizing and dehumanizing the black female body, a practice that still reverberates in contemporary times. As for the methodology, it consists of qualitative-exploratory and bibliographical research instruments, with socio-cultural mediations, based on the studies of Bell Hooks (2019), Aníbal Quijano (2005), María Lugones (2007), among others.

Keywords: female body; race; coloniality; disintegration.

Boitató, Londrina, 2024
Recebido em: 20/04/2024
Aceito em: 18/07/2024



A desintegração da mulher negra em *Um defeito de cor*

Luzia Kely de Souza Silva
Olga Beatriz Saraiva Silva
Linda Maria de Jesus Bertolino

Introdução

A história do corpo negro é feita de travessias, não somente marítimas, mas, sobretudo, de desintegração física e psicológica. Pensando nisso, é possível dizer que, sob a desvalorização contínua do corpo negro, demarcado aqui a partir da figura da mulher preta, deve-se destacar que, não somente em termos coloniais, mas, também, contemporâneo; o corpo feminino negro vivencia uma violação contínua e dupla que se orienta nos marcadores de gênero e raça.

Culturalmente, esses marcadores convergem para que a mulher negra seja um corpo pensado para ocupar, rotineiramente, na sociedade, na política e na escala trabalhista, os subempregos. Todavia, essa depreciação é em si uma prática opressiva e consciente da branquitude, cuja finalidade é desconfigurar o corpo e a mente da mulher negra. Hooks (2019) explora esse processo de desconfiguração ao argumentar essa depreciação que é em si uma prática opressiva e consciente da branquitude, cuja finalidade é desconfigurar o corpo e a mente da mulher negra.

A escrita decolonial está profundamente enraizada em uma ética de resistência e de desconstrução do sistema-mundo moderno/colonial. Ao trazer à tona narrativas e epistemologias antes marginalizadas, não apenas desconstrói as hierarquias impostas pelo colonialismo, mas também propõe novos horizontes de sentido, onde a diversidade de experiências e saberes possa coexistir de forma equitativa. No que conduz a isso, a escrita ‘decolonial’ de Ana Maria Gonçalves - marcada fortemente por questionamentos existenciais, por densas pesquisas de ancestralidade e heranças africanas, encontradas no Brasil – apresenta em *Um defeito de cor*, romance publicado em 2006, fortes traços documentais históricos, em que pode ser analisada a representação do corpo feminino negro. A considerar que a poética narrativa de Gonçalves centra-se na trajetória de uma protagonista – Kehinde, mulher preta e, igualmente, um corpo escravizado.

Na temporalidade do presente, Kehinde - uma senhora africana, letrada e cega, ao longo do enredo, realiza uma peregrinação em busca do seu filho, um bebê que foi brutalmente retirado de seus braços (evento comum no processo de escravidão no Brasil). Nesse sentido, o enredo é pensado a partir da temporalidade do presente e do passado, ou seja, ele atravessa o século XIX, para, desse modo, falar da saga da personagem Kehinde, uma senhora africana, letrada e cega, narra em primeira pessoa a longa peregrinação que fez em busca de seu filho, um bebê que foi brutalmente retirado de seus braços (evento comum o processo de escravidão no Brasil). Nesse sentido, o enredo se divide entre o passado e o presente dos acontecimentos. Vítima de tráfico humano negreiro, aos sete anos de idade, esse corpo infantil foi capturado e forçado a realizar, ao lado de outros sujeitos capturados, a travessia do oceano atlântico para ser, assim, escravizado em terras coloniais portuguesas.



Nesses termos, o corpo da personagem Kehinde é comercializado, animalizado e, portanto, objetificado; ação que configura a comercialização do corpo. Embora seja, apenas, uma criança, a personagem luta para sobreviver aos maus tratos, à saudade da terra natal e à ausência dos familiares. O tempo passa, e entre o trabalho forçado e as inúmeras violências sofridas, Kehinde amadurece, ainda que precocemente e, assim, a história da saga da mãe - em busca do filho - vai estruturando os vinte capítulos que perfazem o romance.

Um defeito de cor é uma narrativa densa, porém, potente. Todavia, no que tange à construção desse artigo, optamos por trabalhar, apenas, o subcapítulo “A posse”. Pois compreendemos que, de forma mais precisa, ele dialoga com o sistema de violação contra a mulher negra que, na condição de propriedade, tem sua vida e seu corpo objetificado pelo homem branco. Assim sendo, é sob essa perspectiva que se examina e analisa o processo de desintegração corporal da personagem-protagonista.

Quanto à ideia de desintegração, essa será justificada a partir da verificação da posse do corpo (associado a objeto), exposto à exploração sexual, a agressões físicas e emocionais. Um corpo não somente escravizado, mas, também, desumanizado por uma lógica colonial racista e sexual. Juntamente a isso, propomos ainda investigar como, em termos de contemporaneidade, os desdobramentos subumanos: raça, classe e gênero, continuam sendo articulados para silenciar, apagar e invisibilizar a existência da mulher negra.

Desse modo, para desenvolvermos a ideia de controle e dominação, ambos explorados a partir da noção de colonialidade de gênero e raça, recorreremos às agendas dos estudos feministas e culturais, como, por exemplo, as ideias de Bell Hooks (2019) que realiza uma análise profunda e crítica das interseções entre raça, gênero e classe, explorando como as mulheres negras foram duplamente marginalizadas tanto pelo racismo quanto pelo sexismo. Ela destaca como a escravidão desumanizou as mulheres negras, retirando-lhes a feminilidade e utilizando-as como ferramentas de produção e reprodução. E essa desumanização continuou a permear as políticas e atitudes sociais, contribuindo para a opressão contínua das mulheres negras. Em contribuição, Lugones (2007), que explora de forma crítica e inovadora sobre a interseção entre o colonialismo, o sistema de gênero e a heterossexualidade compulsória, argumenta que a colonização não apenas introduziu uma dominação política e econômica, mas também impôs um sistema de gênero binário e heteronormativo, que reorganizou e subjugou as sociedades colonizadas de maneira profunda e duradoura. Uma vez que a ideia é construir respostas sobre a representação da desintegração do corpo feminino negro. Mediante isso, ao longo da escrita, contemplaremos questões que possibilitem refletir sobre a invisibilidade da condição sócio-cultural da mulher preta; seja no contexto colonial escravagista, seja no contexto atual brasileiro. Todavia, para ampliar e sustentar as possíveis reflexões, usamos os apontamentos de Carla Akotirene (2019) e Anibal Quijano (2005), para falar sobre interseccionalidade e colonialidade do ser.

1. “A posse”: desintegrar corpos é uma estratégia para colonizar vidas

Abrir a escrita literária para falar do processo de desintegração feminina negra, advinda do processo escravocrata em terras coloniais brasileiras, é permitir dialogar com o passado e o presente. É ainda revisitar uma história que se naturalizou e se repetiu por



séculos, principalmente, quando se pensa na duplicidade de violência contra o corpo de mulher negra.

Pois “A mulher *negra*, não sendo nem *branca* nem homem, neste esquema colonial representa então uma dupla ausência que a torna absolutamente inexistente. Pois ela serve como a *outra* de *outros*, sem status suficiente para a Outridade” (Kilomba, 2020, p. 10).

É atravessando esse estado de “ausência” que se constitui o enredo da obra *Um defeito de cor*. Enredo que revela o significado da escravidão negra a partir das amargas experiências de uma mulher, africana negra e, portanto, animalizada por mecanismos de poder e saber. Assim, no subcapítulo “A posse”, localizado no capítulo três da obra, a desintegração equivale, também, à exploração sexual do corpo feminino preto. Corpo colonizado e, portanto, violentado e desintegrado.

Sobre isso, vemos o processo de desintegração do corpo de Kehinde, quando esta relembra o momento que seu ex-dono a questiona sobre seu próprio corpo. Ainda criança, a personagem-protagonista diz:

O sinhô José Carlos perguntou se havia pouco tempo que eu tinha tomado banho e se nunca mesmo tinha me deitado com homem. As duas respostas foram sim, num balançar de cabeça, e então ele mandou que eu tirasse a roupa enquanto me observava. Além do cômodo onde ele estava trabalhando, um escritório com uma secretária, um armário com pilhas de papel amarelado e outros objetos, e muitas coisas jogadas pelos cantos, a casa ainda tinha um quarto, onde ele mandou que eu entrasse. Caixa e mais caixas subiam pelas paredes, iluminadas por um lampião que pendia do teto, a única claridade em todo aquele ambiente, já que não era possível ver uma única janela, talvez coberta por aquela quinquilharia toda. No chão havia uma esteira grande coberta com uma colcha incrivelmente branca para aquele lugar, limpa, bonita, sobre a qual ele me mandou deitar (Gonçalves, 2023, p. 168).

No relato da cena percebe-se que o ato de despir se funde à descrição do local. Logo, é uma descrição que termina por situar o corpo de Kehinde como parte do cenário, ou seja, a personagem é constituída sem atributos humanos. Ela representa, apenas, um objeto a mais na constituição da cena (do local). No entanto, a imagem da “esteira coberta - com uma colcha incrivelmente branca” - se difere do local cheio de coisas descartáveis.

A princípio, a brancura da colcha sugere ideia de poder cujo contato é pensado a partir da relação entre o branco e o preto. Logo, ao destacar “incrivelmente branca para aquele lugar”, Kehinde nos possibilita pensar no mecanismo de domínio colonial de raça. Pois, o embranquecimento do quarto pode ser analisado como articulação de poder do sujeito branco. Sujeito esse que é tutelado e, logo, legitimado para executar práticas, abusos e violência sexual contra a mulher negra.

Nessa perspectiva, Kehinde narra:

O sinhô José Carlos perguntou se eu achava que ia escapar e nada respondi, nem mesmo olhei para ele, porque eu achava que sim, que depois do acontecido ele não ia mais insistir. Mas, além disso, da insistência, ele conseguiu ser muito mais vingativo do que poderia imaginar, ao entrar no



quarto e dizer que a virgindade das pretas que ele comprava pertencia a ele, e que não seria um preto sujo qualquer metido a valentão que iria privá-lo desse direito [...] Dizendo isso, me buscou na sala e me levou para o quarto, segurou o meu queixo e fez com que eu olhasse para o canto onde estava a pessoa a quem ele se referia quando falava de um preto sujo qualquer. Ou o que restava do Lourenço. [...] Eu queria morrer, mas continuava mais viva que nunca, sentindo a dor do corte na boca, o peso do corpo do sinhô José Carlos sobre o meu e os movimentos do membro dele dentro da minha racha, que mais pareciam chibatadas (Gonçalves, 2023, p. 170-171).

A cena ocorre após a primeira tentativa de estupro falhar. Assim, a demarcação gênero/sexo/raça equivale a estratégias de desintegração do corpo feminino, tendo em vista que são demarcações que se organizam tanto para violentar como para punir. Sendo, pois, sob essa perspectiva que Bell Hooks lembra que a “nudez das mulheres africanas servia de constante lembrança da sua vulnerabilidade sexual. A violação era um método comum de torturar escravas usado para submeter mulheres negras rebeldes” (Hooks, 2019, p. 22).

Portanto, não somente o processo escravagista (o trajeto marítimo), em si, concorria para desintegração do ser, mas, certamente, a punição, a humilhação e a prática sexual executada contra o corpo de mulher negra; fatores que desintegram vidas, identidades, subjetividades e, claro, corpos.

2. Entre o sexismo e o racismo

Antes de tudo, verifiquemos a definição dos termos sexismo e racismo, ambos analisados como dispositivo de controle. Enquanto o sexismo é uma maneira de discriminar que se fundamenta no sexo ou gênero, o racismo - a partir de percepções sociais baseadas em diferenças biológicas - consiste na prática de discriminação contra pessoas e povos. Nesse sentido, esclarece o filósofo Silvio Almeida (2019, p. 72) que “[...] o racismo é a tecnologia de poder que torna possível o exercício da soberania. Logo, os dois termos equivalem a mecanismos de opressão e submissão, cujo fim é a manutenção da hierarquia de gênero, sexo e raça”.

Em termos de gênero, sexo, classe e raça, diferente do homem, a mulher negra é violentada dentro da categoria gênero, haja vista que se trata de um corpo feminino. Assim, historicamente, foi projetada para ser um sujeito silenciado e, portanto, anulado de participação social. Sendo mulher, representa um corpo que foi trazido da África - como parte da força de trabalho – para realizar jornadas desgastantes no engenho, na cozinha, isto é, para gerar lucros materiais e humanos; uma vez que era forçada a abdicar da amamentação do seu filho em função de alimentar e fazer sobreviver o filho do senhor de escravo.

Consequentemente, a mulher preta foi naturalmente exposta a várias formas de violência, inclusive, a sexual. A esse respeito, o discurso¹ de Sojourner Truth em 1851, intitulado “E eu não sou uma mulher?” Na Convenção dos Direitos da Mulher, em Ohio, nos

¹ Pois, permite-nos enxergar os fatores que definem uma pessoa, como caracteriza Kimberlé Crenshaw (1989).



EUA, nos propõe perceber as várias possibilidades de ser mulher, levando em conta suas intersecções, como raça, orientação sexual e identidade de gênero.

Inspirada no discurso de Sojourner Truth (1851), Bell Hooks questiona em *E eu não sou uma mulher?*, que “[...] o sexismo é uma parte integral da ordem social e política que os colonizadores brancos trouxeram das suas terras da Europa e teve um impacto grave no destino das mulheres negras escravizadas” (Hooks, 2019, p. 19). Logo, certamente, o sexismo - atrelado à pobreza e ao racismo - terminou por naturalizar a violência contra o corpo feminino negro.

Seguindo, pois, essa linha de pensamento, Carla Akotirene (2019) em *Interseccionalidade: feminismos plurais* afirma que esse recurso colonial, com extrema violência, é potencializado com repúdio e ódio ao “Outro”, uma vez que ele é executado para animalizar a pessoa não-branca e, desse modo, situá-la como um “objeto” colonial, “o maior recurso colonial da eurocivilização consiste em priorizar o corpo, ignorar ferimentos que tendem a complexificar rapidamente, enquanto diagnosticam, às pressas, o problema “negro,” das “lésbicas,” de “gênero,” dos “latino-americanos” (Akotirene, 2019, p. 17).

Nesse aspecto, *Um defeito de cor* (2023) evidencia a representação do sistema escravocrata brasileiro como comércio de desintegração corporal do sujeito negro. Nessa perspectiva, a partir da história da protagonista Kehinde, examinamos o aspecto da desintegração corporal dessa personagem, estendendo a noção de desintegração às lembranças, às dores e à saga da protagonista em busca do filho que, bruscamente, foi retirado de seus braços.

Na trama, Kehinde representa um corpo violentado pela ausência da infância, pelo peso extremo da labuta, pela ausência da maternidade e, sobretudo, pela violência sexual em que era exposta. Assim, Kehinde narra: “A primeira vez das pretinhas pertencia aos seus donos, e era isso que o sinhô José Carlos estava tentando garantir, tomando cuidado para que eu não dormisse com o Lourenço antes de me deitar com ele, que estava apenas esperando uma boa oportunidade” (Gonçalves, 2023, p. 166).

Na tentativa de livrar-se das investidas do senhor José Carlos, Kehinde, com apenas 14 anos, decide apressar o casamento com seu namorado, Lourenço. No entanto, a antecipação do casamento, intensificou a perseguição que a personagem já vinha enfrentando. Percebe-se, então, que até a concretização do ato, o agressor atua a partir do jogo: interesse/desinteresse.

[...] O sinhô José Carlos estava sentado a uma mesa logo em frente à porta, levantou os olhos por breves instantes e voltou a baixá-los para os papéis que lia assim que entramos, dizendo que o Cipriano podia sair e esperar do lado de fora. [...] Quando o sinhô ouviu a porta se fechar, ficou de pé e me olhou de cima a baixo, da mesma maneira como tinha acabado de estudar os papéis, sem pressa. Talvez, como eu, tenha se lembrado da primeira vez que me examinou, no mercado de São Salvador. Naquele dia, eu tinha feito graça, corrido, pulado, balançado os braços e mostrado os dentes, porque queria ser escolhida. O meu instinto de sobrevivência precisava que ele me escolhesse para que eu não definhasse naquele mercado, à espera de alguém que achasse que eu valeria os réis que pediam por mim (Gonçalves, 2023, p. 167-168).



Segundo Jesus Bertolino e Chaves (2023), esse padrão é fundamentado no pensamento hegemônico eurocêntrico que, para exercitar soberania, nega a humanidade de corpos negros. A considerar que é uma ação hegemônica que age desde a captura até à exploração sexual, de maneira objetificar o corpo em um processo de desintegração física e mental. Nesse sentido, para não morrer de fome, Kehinde é obrigada a pagar ao homem branco.

Com base no exposto, conclui-se que “[...] a dominação é o requisito da exploração, e a raça é o mais eficaz instrumento de dominação” (Quijano, 2005, p. 138), principalmente, sobre o corpo feminino negro, a considerar que, culturalmente, o status ontológico da mulher negra foi inscrito sob a ideia de um sexismo institucionalizado no esquema colonial.

3. O processo histórico desintegrador

A palavra “desintegração” agrega a ideia de *destruição do que formava uma unidade; fragmentação, ação de desfazer alguma coisa* (Desintegração, [2023]).² Assimilando esse conceito, seguimos dialogando com a questão da compreensão da desintegração feminina negra. Porém, para isso, é preciso que, primeiro, se situe no enredo como é identificada essa fragmentação.

Em termos escravocratas, a fragmentação do ser mulher negra é representada na vida de Kehinde, em toda a sua trajetória de vida. Como por exemplo, a exposição do seu corpo infantil, logo cedo, fragmentado pela experiência diaspórica, compreendida pelo exercício do tráfico negreiro. Em condições desumanas, ainda criança, Kehinde é obrigada a viajar de Savalu a terras desconhecidas no território brasileiro.

Outro exemplo de desintegração pode ser apontado na associação entre corpo e coisificação:

Durante dois ou três dias, não dava pra saber ao certo, a portinhola no teto não foi aberta, ninguém desceu ao porão e estava quase impossível respirar. Algumas pessoas se queixavam da falta de ar e do calor, mas o que realmente incomodava era o cheiro de urina e de fezes. A Tanisha descobriu que se nós deitássemos de bruços e empurrássemos o corpo um pouco para a frente, poderíamos respirar o cheiro da madeira do casco do tumbeiro. [...] Quando não conseguíamos mais ficar naquela posição, porque dava dor no pescoço, a minha avó dizia para nos concentrarmos na lembrança do cheiro, como se, mesmo de longe e fraco, ele fosse o único cheiro a entrar pelo nariz [...] (Gonçalves, 2023, p. 48).

O cenário é descrito do ponto de vista de Kehinde (uma menina africana que, assustada, temia por sua vida, pela vida da avó e da irmã), e usado para denunciar a condição do ser – posto na condição de destroços. A considerar que são corpos coisificados como restos. Logo, o trajeto marítimo, também, se constitui como mecanismo de fragmentação do

² Seguindo a definição do site [Meu dicionário](https://meudicionario.com.br/desintegracao), a palavra desintegração é definida como: 1. ato ou efeito de desintegrar(-se), de perder ou fazer perder a coesão. 2. destruição do que formava uma unidade; desagregação (Desintegração, [2023]).



corpo. Corpo que, dado às condições degradantes do porão do navio, é enfraquecido, apagado e vulnerabilizado.

Outro movimento desintegrante consiste no fato do sujeito ser enjaulado na categoria de ser um corpo animalizado. Nesse sentido, Kehinde passa a chamar e, igualmente, aos demais corpos negros que compartilham daquela brusca experiência de travessia, de “carneiros”, cujo fim é serem abatidos:

Mas eu preferia chegar daquele jeito mesmo, bem suja para que os brancos não quisessem nos fazer de carneiros. Carneiros de verdade eram limpos. E também para que não nos quisessem de presente, nem a mim nem à Taiwo, pois eu não gostava da idéia de dar sorte para gente que tratava gente pior do que se trata carneiro (Gonçalves, 2023, p. 53).

Em termos de gênero e raça, assumindo a fala de Bell Hooks, diremos que o sistema de soberania do homem branco ocasiona sobre o corpo negro, estando ele nu ou vestido, uma constante vulnerabilidade que concorre para um estágio de fragmentação moral e social. Isso porque, a finalidade da desintegração não era, apenas, a submissão, e sim, também, o aniquilamento da identidade, da memória e, enfim, da vida. Desse modo, enquanto a noção de raça era usada para escravizar o corpo, o sexismo servia para violentar e humilhar, não somente a mulher, mas, também, o homem negro.

É assim que Kehinde vivencia os estágios desintegradores advindos do processo escravocrata. Contudo, essa desintegração se estende ainda à remoção de seus nomes, à proibição de viver sua religião, ao uso da linguagem e, de modo igual, a qualquer vestígio visível da cultura africana. Logo, o mecanismo de dominação e desintegração corporal não reside somente no aspecto da desintegração física do sujeito, nas punições, nos castigos; ele vai além.

Ao proibir o uso dos nomes, danças, costumes, religião e linguagem, o colonizador tenta doutrinar o corpo, a mente e o coletivo. Logo, conseqüentemente, há uma tentativa, não apenas, de desintegração, mas, principalmente, de desarticulação e destruição de uma unidade, ou seja, de um povo e, portanto, de uma economia.

Diante disso, embora criança, Kehinde está certa, a ideia hegemônica eurocêntrica era abater:

Esméria riu quando perguntei sobre aquela história de virar carneiro e disse que também já tinha pensado assim. Em iorubá, ela me explicou o que era um escravo, alguém por quem o dono tinha pago a quantia que achava justa e que lhe dava o direito de ter o escravo trabalhando pelo resto da vida, ou até que ele pudesse pagar pela liberdade que tinha antes de ser comprado (Gonçalves, 2023, p. 75).

Podemos dizer que a possibilidade do escravo pagar por sua liberdade, também, era desagregada pelo escravagista, uma vez que fragilizava ao mesmo tempo em que desintegrava a força econômica do colonizador. Em termos de desintegração corporal, o romance aponta ainda para a fragmentação advinda da divisão de trabalho entre homem e a mulher negra.

Em *Um defeito de cor*, entre os inúmeros acontecimentos, a vulnerabilidade da mulher negra encontra-se no trecho em que é narrado de forma consciente o estupro de Kehinde; embora seja noiva de Loureço, homem, como ela, também escravo:



[...] Eles estavam mortos, tal como os olhos do Lourenço observando a raiva com que o sinhô José Carlos me derrubou na esteira, com um tapa no rosto, e depois pulou em cima de mim com o membro já duro e escapando pela abertura da calça, que ele nem se deu ao trabalho de tirar. Eu encarava os olhos mortos do Lourenço enquanto o sinhô levantava a minha saia e me abria as pernas com todo o peso do seu corpo, para depois se enfiar dentro da minha racha *como se estivesse sangrando um carneiro* (Gonçalves, 2023, p. 171).

Ao citar “sangrando como um carneiro”, Kehinde se vê em uma cena de abate. Um abate por ser negra e mulher, e cujo estágio de desintegração dialoga com a forma animalizada como é tratada. O vê-se é uma condição de impotência, pois Kehinde é punida por tentar ir contra as vontades do “sinhô José Carlos” que decretava que a virgindade dela o pertencia.

Nessa perspectiva, Bell Hooks (2019, p. 32) cita que:

Os homens brancos donos de escravos queriam que as mulheres escravizadas passivamente aceitassem a exploração sexual como um direito e um privilégio dos que estavam no poder. [...] As mulheres negras que resistiam à exploração sexual desafiavam diretamente o sistema; a sua recusa em submeterem-se passivamente à violação era a marginalização do direito dos donos dos escravos sobre si mesmas. Elas foram brutalmente punidas.

Todavia, mesmo sendo engessada para ser um corpo desintegrado, Kehinde, invocada, agora, como todos os corpos negros/mulheres, apesar de tudo, resiste - da forma que pode - às amarras do sistema colonial. Uma resistência que faz a protagonista fazer resistência e dizer não. Portanto, lutando contra a desintegração que se encontrava posta, a personagem-protagonista faz de suas dores e de suas memórias uma saga em busca do filho, vítima como ela, do sistema escravocrata realizado pelo sujeito branco colonizador.

Por conseguinte, a personagem dá voz a eventos que (decerto somos seres fracos demais para narrar) projetam a realidade de tantas, e mais tantas, mulheres negras e grávidas que foram arrancadas de seus lares, de suas famílias, de sua terra e, assim, forçadas a vivenciarem a desintegração corporal, advinda da travessia marítima. Corpos pretos e grávidos que tiveram que se juntarem a crianças, homens, velhos e mulheres para serem objetificados e desumanizados em terras além de África.

Nessa perspectiva, destaca-se que o processo de desconfiguração do corpo feminino negro ocorreu, gradualmente, durante todo o período colonial e, conseqüentemente, perdura até a contemporaneidade, nas práticas de moradias, educação, política, sexualidade e, igualmente, nas práticas racistas e misóginas dos subempregos.

Considerações finais

A literatura marginal, com sua força contestatória, emerge como uma ferramenta essencial para as rupturas e resistências nas narrativas tradicionais, reivindicando espaço para



vozes historicamente silenciadas. Nessa perspectiva, a narrativa de Ana Maria Gonçalves insere-se em um espaço de contestação das narrativas hegemônicas da história brasileira. *Um defeito de cor*, como as literaturas marginais e periféricas, desafia a centralidade das vozes eurocêntricas e centra-se em Kehinde, uma protagonista que desafia as normas patriarcais e raciais impostas pela sociedade colonial, criando uma perspectiva que subverte as narrativas tradicionais de gênero e raça. Gonçalves não só denuncia a opressão das mulheres negras nas suas diversas formas, mas também explora a força e a resiliência feminina em meio a um contexto de extrema violência.

A respeito da desintegração do corpo feminino negro, a partir da perspectiva da obra mencionada, analisou-se o subcapítulo “A posse” como ponto referencial para pensar na relação corpo, raça e gênero, bem como a relação dessa recepção no processo de escravização racial colonial.

Acreditamos que há tantos fragmentos nos corpos dessas mulheres, quanto há na história que contam sobre elas, ou melhor, na história que não contam. Nesses termos, a narrativa da personagem Kehinde, certamente, ajuda a elucidar como o racismo e o sexismo se funde para organizar práticas de submissão, exploração sexual e subjetivação de corpos.

Sob isso, a ideia dessa escrita artigo é abrir um espaço para a discussão em torno da invisibilização de corpos femininos negros. Corpos, rotineiramente, pensados para ser deslegitimado e suprimido, a considerar que ainda existe, sim, muito do passado no presente. E, como diz Lugones, a despatriarcalização só é possível se houver a descolonização do saber e do ser, a partir de um feminismo decolonial (Lugones, 2012, p. 1).

Consequentemente, é sob esse olhar que propomos refletir sobre a forma cultural colonial e escravagista como foi orientada a história do corpo negro feminino; inscrito politicamente para ser desintegrado e, mesmo hoje, tido como algo a ser consertado.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**: feminismos plurais. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.

BERTOLINO, L. M. de J.; CHAVES, L. A. Aos corpos desfeitos, o refazer. **Revista Odisseia**, Lagoa Nova, v. 8, p. 363-382, nov. 2023. DOI 10.21680/1983-2435.2023v8nEspecialID32361.

DESINTEGRAÇÃO. In: MEU Dicionário. [S. l.]: Meu Dicionário.Org, [2023]. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/desintegra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 6 fev. 2023.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.



LUGONES, Maria. Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples. *In*: PENSANDO los feminismos en Bolivia. La Paz: Conexión Fondo de Emancipaciones, 2012. (Serie Foros).

LUGONES, M. Heterossexualismo e o sistema colonial/moderno de gênero. **Hypatia**, Cambridge, v. 22, n. 1, p. 186-219, 2007. Disponível em:
<https://www.cambridge.org/core/journals/hypatia/article/hyp-volume-22-issue-1-cover-and-front-matter/E66077289F11B31ABA09918FEEB9C695>. Acesso em: 6 fev. 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*.: LANDER, E. **A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

KILOMBA, G. Prefácio: Fanon, existência, Ausência. *In*: FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo, Ubu Editora, 2020. p. 6-11.

